



Trabalho Encomendado GT07 - Educação de Crianças de 0 a 06 anos

## BALANÇO ANALÍTICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUESTÕES CURRICULARES E DIREITOS EM RISCO

Ana Lúcia Goulart de Faria - UNICAMP

*É que neste mundo complicado que vivemos escrever livros não basta. Eles podem tocar as pessoas. Às vezes, certos leitores dizem: eu li o seu livro e a partir daí a minha vida mudou. E embora eu gostasse de acreditar nisso, dá-me vontade –, mas nunca pergunto –, de perguntar: mudou como? Explique-me. E eu sei de antemão que a vida dessa pessoa não mudou. Sei que ela gostaria de mudar a sua vida. O fato de ela gostar ou pensar que poderia mudar a sua vida já é alguma coisa. Mas, em princípio, a vida não muda pelo fato de se escrever um livro. Mas talvez, e também sem grande esperança de que a vida mude, um tipo de comunicação como este, que é feito muito mais, e nesse caso, que é feito sem rede – reparem, não tenho uma nota diante de mim, não tenho um papel, não estou a ler –, possa servir para tocar mais de perto certos temas. Nunca mais acabariam os temas. De modo que eu limito-me a escolher um. E o tema, que no fundo é o tema central de nossa existência, para chegar a ele é que nós o escrevemos, e pintamos, e fazemos músicas: os artistas, os criadores intelectuais assim chamados, os criadores artísticos. Que é essa ideia do que nós queremos fazer do mundo, o que nós queremos fazer da vida. Claro que há várias respostas para isso, isso já nós sabemos. Algumas que são... que não podemos aceitar, que eu pessoalmente não posso aceitar: não posso aceitar que a vida seja... que tenhamos uma vida, que tenhamos um lugar onde viver, que é esse planeta, para reger essa vida por critérios de lucro, de ganho, de triunfo, de vitória, de esmagamento de todos aqueles que nos oponham, não posso de fato aceitar isso. E sendo, como sou, um escritor, descobri a tempo, que há no mundo um grupo de pessoas que, sem se verem, estão juntas. Podem mesmo até não se dar bem, podem até ser inimigas, podem ter problemas de relação, questão de inveja, podem até seguir caminhos diferentes, mas no fundo, no fundo, pertencem àquilo a que chamo a Tribo da Sensibilidade. São aqueles para quem a arte, para quem o ser humano, para quem a criação, para quem a invenção, o sonho, a ilusão, o trabalho, têm um valor muito mais que o valor material que porventura tenham e têm. A Tribo da Sensibilidade não se compõe só daqueles que a fazem. Está composta também por aqueles que usufruem, que desfrutam. A Tribo da Sensibilidade são os bailarinos que vêm dançar aqui, os cantores, os músicos, e são também as pessoas que, não sendo nem músicos, nem bailarinas, nem atores, estão sentados aí. Isto é o que nos reúne nesta coisa mágica. Essa Tribo da Sensibilidade vai se reunindo cada vez, juntando e aplaudindo, ou não aplaudindo, protestando, reclamando, sentindo, rindo, chorando, somos nós. Eu não proponho que esta Tribo da Sensibilidade se decida a salvar o mundo. Estou consciente de que uma boa parte do mundo está contra nós. O mundo não mudou muito depois de se ter composto a nona sinfonia de Beethoven. Antes morria-se, depois continuou a morrer-se; antes havia fome, depois continuou a haver; quer dizer, este tipo de coisas são o que são, parece que não aconteceu nada ali. Mas aconteceu. A paixão segundo São Mateus, de Johan Sebastian Bach, ou a Guernica de Picasso, ou Dom Quixote, ou Brás Cubas, ou os Maias do Eça, tudo isso, da música, da pintura, da arquitetura, o Oscar Niemayer, que desenhou isto, parece que já, já não é bem mais a mesma coisa, mas enfim na raiz era. Está na capacidade que nós todos, nós seres humanos, temos de criar.*

*Só temos o direito de fazer coisas belas, nenhum outro direito nos assiste, realmente como seres racionais e sensíveis, de coisas belas, de coisas úteis, coisas formosas, coisas dignas. E a Tribo da Sensibilidade é o que tem vindo desde o alvorecer dos*

*tempos, é dizer disso, obstinadamente, teimosamente, até os dias de hoje, e espero até os dias de sempre*

*Que sejamos nós a governar o mundo, não convém, não convém. Deixemo-nos estar naquilo em que somos capazes de fazer melhor, seja um romance, seja uma música, seja um poema, seja um teatro, tudo aquilo. Chega-se um momento na vida – e com isso eu vou terminar, porque aqui o meu querido Luiz Scwharcz, discretamente está a estender um pouco o braço e a deslizar o dedo indicador até o mostrador do relógio –, chega um momento na vida que, quando se sobe a uma montanha – eu gosto muito de subir montanhas, já não subo tanto como subia antes –, e quando se sobe uma montanha antes de se chegar ao cimo, há momento em que a gente para, não tanto para ver ainda o que falta, mas para olhar para trás, para o caminho que percorreu. Há momentos na vida em que é inevitável parar um pouco e olhar para trás. Olhar para a vida vivida, para o trabalho feito. Achar que poderia ter feito mais alguma coisa, ou talvez melhor, enfim, do que aquilo que fez. Mas ao mesmo tempo reconhecer que estão aí os sinais de uma vida. E essa vida... por isso mesmo, essa tal Tribo da Sensibilidade é uma vida que, honestamente, eu posso dizer que sem qualquer tipo de vaidade, é uma vida que me deixa contente. Olhar para trás, desde o princípio dos princípios, desde o tempo em que meu avô a dizer lá em Frankfurt, quando, praticamente, na primeira declaração que fiz, na primeira novela, dizendo: não, eu não nasci para isso. No fundo ninguém nasceu para isto. Nós não sabemos por que é que nascemos. Depois é que podemos dizer que não nascemos para isto. Alguém que nasce poderoso e rico, se cai na pobreza, também dirá, eu não nasci para isto, dirá eu nasci para ser rico sempre. Ninguém nasce para ser alguma coisa determinada. Ninguém nasce com uma estrela na testa, ou com um sinal, digamos, de maldição. Então, esse olhar que eu lanço para trás, enfim, pelo caminho andado, pelo menos, diz-me que, vá lá, não te portastes mal. Num livro meu que se chama A Jangada de Pedra, uma das personagens, diz, a certa altura, uma frase que... são aquelas coisas que sei, que diz mais ou menos assim: mesmo que meu destino me conduza a uma estrela, nem por isso estou dispensado de percorrer os caminhos do mundo. Eu acho, o livro foi publicado em 1986, exatamente o ano em que eu conheci a minha mulher. Foi publicado em 1986, e eu não estava a pensar naquela altura que o caminho da minha vida, aliás, nem era eu quem falava, era uma personagem, no qual, enfim, no contexto daquilo que estava sendo narrado. Mas a verdade é esta: é que supondo, supondo agora, depois do que aconteceu, o meu destino nem cabe a mim, o meu destino me encaminhava a uma estrela, a qualquer coisa que me leva a dizer, quando olho para trás, quando olho para o caminho andado, quero conhecer que o caminho que andei foi um caminho do mundo, um caminho no mundo e um caminho com o mundo. (SARAMAGO, 1999.)*

Partirei da afirmação de Saramago que só temos direito de fazer coisas belas e nenhum outro direito nos assiste. Assim, já que nós, da *Tribo da Sensibilidade*, não salvaremos o mundo e não convém a nós governá-lo e que somos conscientes de que uma boa parte do mundo está contra nós, também concordo com o saudoso escritor português que “há momentos na vida em que é inevitável parar um pouco e olhar para trás. Olhar para a vida vivida, para o trabalho feito. Achar que poderia ter feito mais alguma coisa, ou talvez melhor, enfim, do que aquilo que fez. Mas ao mesmo tempo reconhecer que estão aí os sinais de uma vida”. Proponho nossa reflexão aqui – agora nessa democracia que corre riscos, parafraseando Saramago, se essa vida... por isso mesmo, essa tal *Tribo da Sensibilidade* é uma vida que, honestamente, nós também

podemos dizer que sem qualquer tipo de vaidade, é uma vida que nos deixa contente”? Fica a provocação!

Destaco para esse balanço analítico da Educação Infantil (EI), portanto dar uma olhada e uma refletida no nosso papel de intelectual aqui na Anped. Tivemos participação ativa em vários momentos da formulação de políticas educacionais. Início com algumas das inesquecíveis intervenções da saudosa Fúlvia Rosemberg, além das pesquisas que fez e orientou, tal como, a pesquisa de mestrado pioneira de Lívia Vieira “A creche como mal necessário”, participou: Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em São Paulo; fala para os senadores/as na ocasião de definição da EI na nova Constituição; carta preocupada com a situação da EI para o Ministro da Educação Fernando Haddad quando de sua saída do Ministério para a prefeitura de São Paulo, já em 1993 com a Maria Malta Campos fizeram o primeiro seminário sobre currículo para a EI com a participação da italiana Patrizia Ghedini da Região da Emilia Romagna e do sueco Lars Gunnarsson da Universidade de Gotemburgo.

Dentre tantas iniciativas realizadas no Ministério da Educação e da Cultura (MEC) quero lembrar da criação da Coordenadoria de Educação Infantil (COEDI) envolvendo as Universidades, União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e Organizações Não-Governamentais (ONGs). Foram elaborados os “cadernos das carinhas“ (foto 1) e chamo a atenção para o caderninho azul e respectivo vídeo “critérios de atendimento de uma creche que respeita os direitos essenciais da criança” sob a responsabilidade de Fúlvia e Maria.

Em minha opinião a EI não deveria participar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já que para mim a nossa organização do trabalho educativo na EI está fundada neste caderninho azul, apresentado pela própria Fulvia na reunião anual da SBPC de 1995. Chama a atenção o caderno com a Bibliografia Anotada: nossa produção na época cabia em pequenos cadernos!





Foto 1 – Caderno das “Carinhas” - Acervo da autora

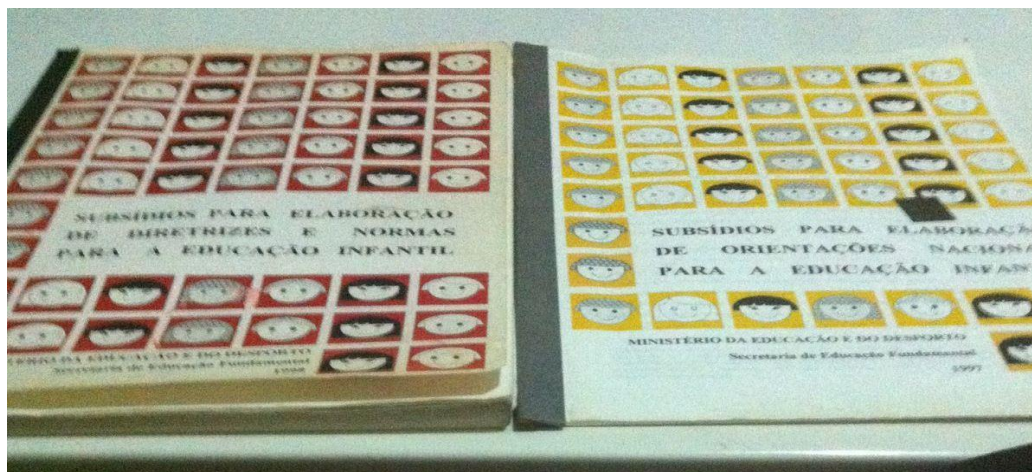


Foto 2:

Cadernos das carinhas não editados na gestão da Angela Barreto. Acervo da autora



Foto 3- Cadernos Creche Urgente – acervo da autora

Vale lembrar que o primeiro material, “Creche Urgente” em 1985 (foto 3 acima), para a organização e funcionamento das creches foi realizado pelas feministas do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) - inclusive Fúlvia e Maria, além de Lenira Haddad, Elza Corsi de Oliveira, Amélia Watanabi Falsetti, Martha Gambini, Regina Helena Marin Peres, Gisela Wajskop França, Silvia Pereira de Carvalho e Margarida Maria Sampaio, com diagramação e ilustração de Miguel Paiva e Virginia Fujiwara. Dentre esses caderninhos destaca-se o Caderno n.3 que já discutia a organização do espaço físico como elemento fundamental para as políticas de creche.

Lenira Haddad (1991), em seu mestrado, já falava da importância do espaço físico nas creches da Secretaria do Bem Estar Social da prefeitura de São Paulo. O tema foi contemplado na Política de Infraestrutura para as creches elaborada na gestão da Rita Coelho na Coedi que deu grande ênfase para esta questão.

Decidido em reunião da Anped fizemos um importante livro “EI pós LDB rumos e desafios” com apoio das editoras de 3 Universidades: UFSCar, UFSC e Unicamp (Faria e Palhares, 1999). Com 6 edições o livro lançado pela editora Autores Associados discutia criticamente o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). Contribuíram neste livro: Moysés Kuhlmann Jr; Ana Beatriz Cerisara; Marina Silveira Palhares, Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Malta Campos, Claudia Maria Simões Martinez, Maria Evelyn Pompeu do Nascimento.



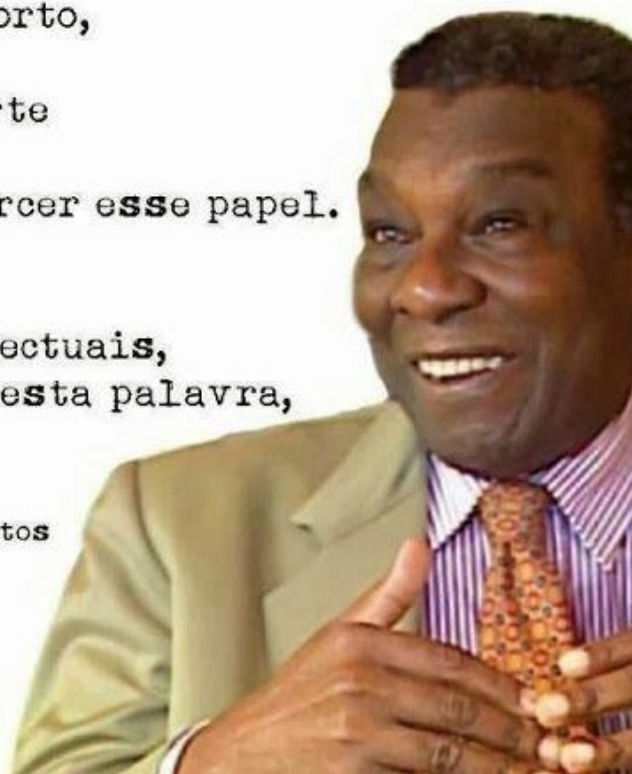


Será que estamos vendo o elefante?

Desde que foi criada a Coedi com as Universidades, Undime e as ONGs o elefante entrou e não nos demos conta do início da privatização da educação infantil. Agora com esta crise parece que começamos a vê-lo. Nesta Anped, com a ideia de Valdete de um balanço para o tema do trabalho encomendado do nosso GT de EI nos permite ou nos convoca para atuar como o intelectual que fala Milton Santos, aquele/a que cria desconforto. Muitos foram os momentos que nos conformamos, por exemplo, já em 1999 quando soubemos que apenas 2% das pesquisas em educação infantil abordavam as discussões de gênero (Rocha, 1999 e Rosemberg, 2001); e agora poderemos refletir e definir formas de resistência, problematizando e criando desconforto.

"O intelectual existe  
para criar o desconforto,  
é o seu papel.  
E ele tem que ser forte  
o bastante sozinho  
para continuar a exercer esse papel.  
Não há nenhum país  
mais necessitado  
de verdadeiros intelectuais,  
no sentido que dei a esta palavra,  
do que o Brasil".

Milton Santos



Chamo a atenção para alguns desses momentos enquanto *Tribo da Sensibilidade* para, atendendo Saramago, olharmos para trás e vermos como poderíamos ter feito melhor: 1. Inserção das crianças de 6 anos da EI no primeiro ano; 2. Ausência da discussão da relação criança-criança nos Indicadores de Qualidade (tem apenas um

único item); 3. Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) - qual idade certa? Avaliação em larga escala?; 4. Educação Infantil participar da BNCC; 5. Campos de experiência voltados ao resultado e não ao processo das experiências das crianças; 6. Obrigatoriedade de matrículas das crianças de 4-5 anos versus opção da família como está na Constituição (1988); 7. Alfabetizar em português como segundo língua já que no Brasil se fala 230 diferentes línguas (Maher, 2012); 8. Proibição da discussão de gênero nos Planos Municipais de Educação<sup>1</sup>.

Concluo este texto lembrando a tese 11 de Marx que afirma que os filósofos já explicaram bem o mundo, cabe agora transformá-lo; e o pensamento marxista (que lemos no *18 Brumário*, (2003)) que o homem faz a história em condições dadas. As crianças convivendo no coletivo da creche, resistindo ao adultocentrismo, transgredindo e produzindo as culturas infantis também fazem a história em condições dadas!

Lembro também de insistir numa educação da escuta, das relações e da diferença sabendo que a situação mais desafiadora do/a docente de crianças pequenas, que não dá aula, mas organiza o espaço, o tempo e os materiais para as crianças produzirem as culturas infantis, é justamente a de deixar as crianças experimentarem, inventarem e constatarem a origem da desigualdade, sem julgar e sem hierarquizar as diferenças. Também é função do intelectual na área da infância ir além de uma ciência de poder sobre a criança. (Miguel, 2015)

Penso que o saudoso Eduardo Galeano não se oporia se eu acrescentasse “a criança” no seu impactante texto “*Os demônios do demônio*” que se segue:

#### *Os demônios do demônio*

*Eduardo Galeano*

*Esta é uma modesta contribuição à guerra do Bem contra o Mal. Entre os diversos semblantes do Príncipe das Trevas, só estão os demônios que existem há muito, muito tempo, e que há séculos ou milênios continuam ativos no mundo.*

#### ***O Demônio é mulçumano***

*A experiência prova que a ameaça do inferno é sempre mais eficaz que a promessa do Céu. Benditos sejam os inimigos*

*Dante já sabia que Maomé era terrorista. Por alguma razão o colocou em um dos círculos do inferno, condenado à pena de prisão perpétua. “O vi partido”, celebrou o poeta em A Divina Comédia, “desde a barba até a parte inferior do ventre...”. Mais de um Papa já tinham comprovado que as hordas muçulmanas, que atormentavam a Cristandade, não eram formadas por seres de carne e osso, eram um grande exército de demônios que aumentava quanto mais sofria com os golpes das lanças, das espadas e dos arcabuzes.*

---

<sup>1</sup> Só para lembrar que o Movimento Negro desenvolveu 12 cores de lápis “cor da pele” variando do bege ao preto e nenhuma é rosa e nem branca!

*Hoje em dia, os mísseis fabricam muito mais inimigos que os inimigos das entranhas. Porém, que seria de Deus, afinal de contas, sem inimigos? O medo impera, as guerras existem para desbaratar o medo. A experiência prova que a ameaça do inferno é sempre mais eficaz que a promessa do Céu. Benditos sejam os inimigos. Na Idade Média, cada vez que o trono tremia, por bancarrota ou fúria popular, os reis cristãos denunciavam o perigo muçulmano, desatavam o pânico, lançavam uma nova Cruzada, o santo remédio. Agora, há pouco tempo, George W. Bush foi reeleito presidente do planeta graças o oportuno aparecimento de Bin Laden, o grande Satã do reino, que as vésperas das eleições anunciou, pela televisão, que ia comer todas as crianças.*

*Lá pelo ano de 1564, o especialista em demonologia Johann Wier teria contado os demônios que estavam trabalhando na terra, a tempo integral, a favor da perdição das almas cristãs. Eram sete milhões quatrocentos e nove mil cento e vinte sete, que agiam divididos em setenta e nove legiões.*

*Muita água fervente passou, depois daquele censo, debaixo das pontes do inferno. Quantos são, hoje em dia, os enviados do reino das trevas? As artes do teatro dificultam as contas. Estes falsos continuam usando turbantes, para ocultar seus cornos, e longas túnicas tampam os rabos do dragão, suas asas de morcego e a bomba que carregam debaixo do braço.*

### ***O Demônio é judeu***

*A colossal carnificina organizada por Hitler culminou uma longa história de perseguição e humilhação*

*Hitler não inventou nada. Há mil anos, os judeus são os imperdoáveis assassinos de Jesus e os culpados de todas as culpas. Como? Jesus era judeu? E judeus eram também os doze apóstolos e os quatro evangelistas? O que você disse? Não pode ser. As verdades reveladas estão além das dúvidas e não exigem mais evidências do que a própria existência. As coisas são como se diz que são, e se diz porque se sabe: nas sinagogas o Demônio dá aulas, e os judeus desde há muito se dedicam a profanar hóstias e a envenenar águas bentas. Por causa deles aconteceram bancarrotas econômicas, crises financeiras e derrotas dos militares; são eles que trouxeram a febre amarela e a peste negra e todas as outras pestes.*

*A Inglaterra os expulsou, nenhum escapou, no ano de 1290, porém isso não impediu Chaucer, Marlowe e Shakespeare, que nunca tinham visto um judeu, fossem obedientes à caricatura tradicional e reproduzissem personagens judeus segundo o modelo satânico de parasita sanguessuga e o avaro usurário. Acusados de servir ao Maligno, estes malditos andaram durante séculos de expulsão em expulsão e de matança em matança. Depois da Inglaterra foram sucessivamente expulsos da França, Áustria, Espanha, Portugal e de numerosas cidades suíças, alemães e italianos. Os reis católicos Isabel e Fernando expulsaram os judeus e também os muçulmanos porque sujavam o sangue. Os judeus haviam vivido na Espanha durante treze séculos. Levaram com eles as chaves de suas casas. Há quem as guardem ainda. Nunca mais voltaram.*

*A colossal carnificina organizada por Hitler culminou uma longa história de perseguição e humilhação. A caça aos judeus tem sido sempre um esporte europeu. Agora, os palestinos, que jamais a praticaram, pagam a culpa.*

### ***O Demônio é mulher***

*“Toda a bruxaria provém da luxúria carnal, que nas mulheres é insaciável”*

*O livro Malleus Maleficarum, também chamado O martelo das bruxas, recomenda o mais ímpio exorcismo contra o demônio que tem seios e cabelos compridos.*

*Dois inquisidores alemães, Heinrich Kramer e Jakob Sprenger, o escreveram, a pedido do Papa Inocêncio VIII, para enfrentar as conspirações demoníacas contra a Cristandade. Foi publicado pela primeira vez em 1486 e até o final do século XVIII foi o fundamento jurídico e teológico dos tribunais da Inquisição em vários países.*

*Os autores afirmavam que as bruxas, do harém de Satanás, representavam as mulheres em estado natural: “Toda bruxaria provém da luxúria carnal, que nas*



*mulheres é insaciável”. E demonstravam que “esses seres de aspecto belo, cujo contato é fétido e a companhia mortal” encantavam os homens e os atraíam com silvos de serpentes, rabos de escorpião, para aniquilá-los. Os autores advertiam aos incautos: “A mulher é mais amarga que a morte. É uma armadilha. Seu coração, uma rede; e correias, seus braços”.*

*Esse tratado de criminologia, que enviou milhares de mulheres às fogueiras da Inquisição, aconselhava que todas as suspeitas de bruxaria fossem submetidas à tortura. Se confessassem, mereceriam o fogo. Se não confessassem também, porque só uma bruxa, fortalecida por seu amante, o Demônio, nos conciliábulos das bruxas, poderia resistir a semelhante suplício sem soltar a língua.*

*O papa Honório III sentenciara que o sacerdócio era coisa de machos: – As mulheres não devem falar. Seus lábios têm o estigma de Eva, que provocou a perdição dos homens.*

*Oito séculos depois, a Igreja Católica continua negando o púlpito às filhas de Eva.*

*O mesmo pânico faz com que os mulçumanos fundamentalistas as mutilem o sexo e lhes cubram a cara.*

*E o alívio pelo perigo conjurado leva os judeus mais ortodoxos a começar o dia sussurrando: “Graças, Senhor, por não me ter feito mulher”.*

### **O Demônio é homossexual**

*Em nenhum lugar do mundo se levou em conta os muitos homossexuais condenados ao suplício ou a morte pelo delito de sê-lo*

*Desde 1446, os homossexuais iam para a fogueira em Portugal. Desde 1497 eram queimados vivos na Espanha. O fogo era o destino merecido pelos filhos do inferno, que surgiam do fogo.*

*Na América, ao contrário, os conquistadores preferiam jogá-los aos cachorros. Vasco Núñez de Balboa, que entregou muitos deles para a refeição dos cães, acreditava que a homossexualidade era contagiosa. Cinco séculos depois, ouvi o Arcebispo de Montevidéu dizer o mesmo. Quando os conquistadores apontaram no horizonte, só os astecas e os incas, em seus impérios teocráticos, castigavam a homossexualidade com a pena de morte. Os outros americanos a toleravam e em alguns lugares a celebravam, sem proibição ou castigo.*

*Essa provocação insuportável devia desencadear a cólera divina. Do ponto de vista dos invasores, a varíola, o sarampo e a gripe, pestes desconhecidas que matavam índios como moscas, não vinham da Europa, mas sim do Céu. Assim, Deus castigava a libertinagem dos índios que praticavam a anormalidade com toda a naturalidade.*

*Nem na Europa, nem na América, nem em nenhum lugar do mundo se levou em conta os muitos homossexuais condenados ao suplício ou a morte pelo delito de sê-lo. Nada sabemos dos longínquos tempos e pouco ou nada sabemos dos tempos de agora.*

*Na Alemanha nazista, estes “degenerados culpados de aberrante delito contra a natureza” eram obrigados a exibir a estrela amarela. Quantos foram para os campos de concentração? Quantos lá morreram? Dez mil? Cinquenta mil? Nunca se soube. Ninguém os contou, quase ninguém os mencionou. Tampouco se soube quantos foram os ciganos exterminados.*

*No dia 18 de setembro de 2002, o governo alemão e os bancos suíços resolveram “retificar a exclusão dos homossexuais entre as vítimas do Holocausto”. Levaram mais de meio século para corrigir essa omissão. A partir dessa data os homossexuais que tinham sobrevivido em Auschwitz e em outros campos, se é que ainda haja algum vivo, puderam reclamar uma indenização.*

### **O Demônio é índio**

*Os conquistadores cumpriram a missão de devolver a Deus o ouro, a prata e outras várias riquezas que o Demônio havia usurpado.*

*Os conquistadores descobriram que Satã, quando expulso da Europa, tinha encontrado refúgio na América. Nas ilhas e nas praias do mar do Caribe, beijadas dia e noite por seus lábios flamejantes, habitadas por seres bestiais que andavam nus, tal como o Demônio os havia colocado no mundo, que cultuavam o sol, a terra, as montanhas, os mananciais e outros demônios disfarçados de deuses, que*

*chamavam de jogo ao pecado carnal e o praticavam sem horário nem contrato, que ignoravam os dez mandamentos e os sete sacramentos e os sete pecados capitais, que não conheciam a palavra pecado nem temiam o inferno, que não sabiam ler nem tinham nunca ouvido falar do direito de propriedade, nem de nenhum direito e que, como se tudo isso fosse pouco, tinham o costume de comerem uns aos outros. E crus.*

*A conquista da América foi uma longa e difícil tarefa de exorcismo. Tão arraigado estava o Demônio nestas terras, que quando parecia que os índios se ajoelhavam devotamente ante a Virgem, estavam na realidade adorando a serpente que ela amassava com o pé; e quando beijavam a Cruz não estavam reconhecendo ao Filho de Deus, mas estavam celebrando o encontro da chuva com a terra.*

*Os conquistadores cumpriram a missão de devolver a Deus o ouro, a prata e outras várias riquezas que o Demônio havia usurpado. Não foi fácil recuperar o tesouro. Ainda bem que de vez em quando recebiam alguma pequena ajuda de lá de cima. Quando o dono do inferno preparou uma emboscada em um desfiladeiro, para impedir a passagem dos espanhóis em busca da prata de Cerro Rico de Potosi, um arcanjo baixou das alturas e lhe deu uma tremenda surra.*

### **O Demônio é negro**

*Supunha-se que a leitura da Bíblia podia facilitar a viagem dos africanos do inferno para o paraíso, mas a Europa esqueceu de ensiná-los a ler*

*Como a noite, como o pecado, o negro é inimigo da luz e da inocência.*

*Em seu célebre livro de viagens, Marco Pólo fala dos habitantes de Zanzibar. “Tinham uma boca muito grande, lábios muito grossos e nariz como o de um macaco. Caminhavam nus, totalmente negros e para quem de qualquer outra região que os visse acreditaria que eram demônios”.*

*Três séculos depois, na Espanha, Lúcifer, pintado de negro, trepado numa carroça em chamas, entrava nos pátios das comédias e nos palcos das feiras. Santa Tereza de Jesus, que viveu para combatê-lo, apesar disso nunca pode entendê-lo. Uma vez ficou ao lado e viu “um negrinho abominável”. Outra vez ela viu que do seu corpo negro saía uma chama vermelha, quando se sentou em cima de seu livro de orações e queimou os textos do ofício religioso.*

*Uma breve história do intercâmbio entre África e Europa: durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a África vendia escravos e comprava fuzis. Trocava trabalho pela violência. Os fuzis punham ordem no caos infernal e a escravidão iniciava o caminho da redenção. Antes de serem marcados com ferro quente, na cara e no peito, todos os negros recebiam uma boa unção de água benta. O batismo espantava o demônio e dava alma a esses corpos vazios. Depois, durante os séculos XIX e XX, a África entregava ouro, diamantes, cobre, marfim, borracha e café e recebia Bíblias. Trocava produtos por palavras. Supunha-se que a leitura da Bíblia podia facilitar a viagem dos africanos do inferno para o paraíso, mas a Europa esqueceu de ensiná-los a ler.*

### **O Demônio é estrangeiro**

*O imigrante está disponível para ser acusado como responsável pelo desemprego, a queda do salário, a insegurança pública e outras temíveis desgraças*

*O “culpômetro” indica que o imigrante vem roubar-nos o emprego e o “perigosímetro” acende a luz vermelha. Se for pobre, jovem e não for branco, o intruso, que veio de fora, está condenado, a primeira vista, por indignidade, inclinação ao tumulto ou por ter aquela pele. De qualquer maneira, se não é pobre, nem jovem, nem escuro, deve ser mal recebido, porque chega disposto a trabalhar o dobro em troca da metade.*

*O pânico diante da perda do emprego é um dos medos mais poderosos entre todos os medos que nos governam nestes tempos de medo. E o imigrante está sempre disponível para ser acusado como responsável pelo desemprego, a queda do salário, a insegurança pública e outras temíveis desgraças.*

*Em outros tempos, a Europa distribuía para o mundo soldados, presos e camponeses mortos de fome. Estes protagonistas das aventuras coloniais passaram à história como agentes viajantes de Deus. Era a Civilização lançada nos braços da barbárie.*

*Agora a viagem se faz na contramão. Os que chegam, ou tentam chegar do sul em direção ao norte, não trazem nenhuma faca entre os dentes nem fuzil no ombro. Vêm de países que foram oprimidos até a última gota de seu sugo e não têm a intenção de conquistar nada além de um trabalho ou trabalhinho. Esses protagonistas das desventuras parecem, muito mais, mensageiros do Demônio. É a barbárie que toma de assalto a Civilização.*

### ***O Demônio é pobre***

*Os bens de poucos sofrem a ameaça dos males de muitos*

*Se lambem enquanto você come, espiam enquanto você dorme: os pobres espreitam. Em cada um se esconde um delinquente, talvez um terrorista. Os bens de poucos sofrem a ameaça dos males de muitos. Nada de novo. Tem sido assim desde quando os donos de tudo não conseguem dormir e os donos de nada não conseguem comer. Submetidas a um acossamento durante milhares de anos, as ilhas da decência estão encurraladas pelos turbulentos mares da vida desgraçada. Rugem as ondas sucessivas que forçam viver em sobressalto perpétuo. Nas cidades de nosso tempo, imensos cárceres que prendem os prisioneiros ao medo, as fortalezas dizem ser casas e as armaduras simulam ser trajes.*

*Estado de sítio. Não se distraia, não baixe a guarda, desconfie: você está estatisticamente marcado, mais cedo ou mais tarde terá que sofrer algum assalto, sequestro, violação ou crime. Nos bairros malditos espreitam, ocultos, remoendo invejas, tragando rancores, os autores de sua próxima desgraça. São vagabundos, pobres diabos, bêbados, drogados, carne de cárcere ou bala, pessoas sem dentes, sem rumo e sem destino.*

*Ninguém os aplaude, porém os ladrões de galinha fazem o que podem imitando, modestamente, os mestres que ensinam ao mundo as fórmulas do êxito. Ninguém os compreende, porém eles aspiram serem cidadãos exemplares, como esses heróis de nosso tempo que violam a terra, envenenam o ar e a água, estrangulam salários, assassinam empregos e sequestram países.*

## **REFERÊNCIAS**

MIGUEL, Antônio. Exercícios descolonizadores a título de prefácio: isto não é um prefácio... É nem um título. In: Ana Lúcia Goulart Faria. (Org.). **Infâncias e pós-colonialismo: pesquisa em busca de pedagogias descolonizadoras**. 1ed. Campinas, SP: Leitura Crítica, 2015, p. 1-208.

GALEANO, Eduardo. **Os demônios do Demônio**. Publicado originalmente na Revista Le Monde Diplomatique, Opera Mundi. S/d. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/os-demonios-do-demonio-por-eduardo-galeano/#ixzz3aeRLs9gl>. Acessado em: 03/06/2015.

HADDAD, Lenira. **A creche em busca de identidade: perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo**. S.P.: Ed. Loyola, 1991.

MAHER, Terezinha de J. M. A criança indígena: do falar materno ao falar emprestado. In: FARIA, Ana Lúcia G. de e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. 3º edição, revisada e ampliada. Campinas: Autores Associados, p. 64 – 88, 2012.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Carl; Engels, Frederick. **A ideologia alemã e outros escritos**. Textos selecionados por Octavio Ianni, trad. Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

ROCHA, ELOISA A . C. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de uma consolidação de uma Pedagogia. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados, educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n.1, p. 47-68, 2001.

SARAMAGO, José. **Tribo da Sensibilidade**, transcrição de conferência realizada na UFMG, 1999.